
ENCANTAMENTO E REPRESENTAÇÃO:**Flechamento do Umbu e Puxada do Cipó**

ENCHANTMENT AND REPRESENTATION:

Umbu Arrowing and Vine Pulling

José Adelson Lopes Peixoto¹Tércio Santos de Souza²Vinícius Alves de Mendonça³

O ritual denominado de Flechamento do Umbu e Puxada do Cipó acontece, geralmente, no mês de dezembro; marca o início das festividades denominadas de Corridas ou Festa do Umbu⁴. É atividade de grande importância, tida como o maior evento entre os Jiripankó⁵, atraindo para os seus Terreiros, amplos espaços arenosos onde ocorrem os rituais, um número de espectadores várias vezes maior do que a população do aldeamento.

As atividades religiosas, festivas e ritualísticas daquele povo se originaram entre os indígenas Pankararu (do Sertão de Pernambuco) e sua realização faz com que não se percam os laços históricos, culturais e religiosos que os unem (tronco e ramos). A execução do ritual é assistida por idosos que conduzem e orientam e por crianças que se iniciam nas atividades que marcam sua identidade étnica.

A realização do flechamento está condicionada à safra de um fruto típico da região sertaneja do Nordeste, o umbu ou imbu (denominação característica da região), fruto do umbuzeiro, árvore brasileira da família das anacardiáceas, típica da Caatinga. A data da realização da festa depende do início da safra desse fruto, geralmente em dezembro, podendo ser antecipada ou adiada, conforme o amadurecimento dos primeiros frutos.

¹ Professor Titular na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5179-108X>.

² Licenciando em História na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: tercio.souza.2021@alunos.uneal.edu.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5533-031X>

³ Licenciando em História na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: viniciusmendonca@alunos.uneal.edu.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8159-7379>.

⁴ Compostas de pelo menos três partes: o Flechamento do Umbu, a Puxada do Cipó e a Queima do Cansanção

⁵ A Terra indígena Jiripankó está localizada no município alagoano de Pariconha, povoação que, segundo o IBGE (2015), teve início marcado com a chegada das famílias Teodósio, Vieira, Viana e Félix que iniciaram, na primeira metade do século XIX.

O primeiro umbu encontrado maduro é levado para o Terreiro e lá é preso a um fio entre duas forquilhas, formando uma trave para ser flechado. Os indígenas pintados com tauá e os Praiás armados de arco e flechas tentam, um a um, acertar o fruto com a flecha. Aquele que consegue, retira o umbu da trave e o entrega ao especialista do seu convívio, geralmente o pai ou a mãe do Praiá.

Quando percebe que os frutos estão próximos do estágio de amadurecimento, o pajé que faz uma reunião com os principais líderes da religião, os donos do Praiás (pais e mães), os moços, os cantadores, benzedeiros, rezadores e outras lideranças com atuação política, como o cacique e os membros dos conselhos, para poder planejar a realização do flechamento que se inicia na noite de sábado e termina na tarde do domingo, no Terreiro principal. Após a reunião, inicia-se o planejamento do evento, a organização dos alimentos a serem servidos, o convite as cozinheiras (geralmente são as mesmas em todos os eventos).

Essa atividade se configura em duas partes, uma pública (festa) e outra privada (ritual), porém essa descrição será apenas do evento público que se inicia no sábado à noite, quando o Terreiro é aberto por um especialista da tradição (pajé, cantador, pai de Praiá...) que após encruzar aquele espaço, conferindo-lhe a sacralidade necessária, posiciona-se em uma das suas extremidades e, ao som do maracá vai entoando os cânticos, à medida em que os Praiás vão ocupando o Terreiro e executando seu bailado circular.

A atividade noturna se estende até a madrugada, quando os indígenas da plateia também participam da dança. É comum, nos eventos Jiripankó que as pessoas passem a noite inteira no Terreiro. Para isso, levam cadeiras, tapetes para forrar o chão e cobertas para se agasalhar do frio da madrugada e, assim, amanhecem naquele local.

Na manhã do domingo, até o meio-dia, o evento continua com a dança dos Praiás. Após o almoço (que segue a mesma característica ritualística em todos os eventos), inicia-se a preparação para o flechamento propriamente dito. O umbu é enrolado com folhas da mamoneira, amarrado em uma trave feita com galhos de árvore. Na base da trave, é colocado um ramo de cansação, símbolo da última etapa das corridas.

Na ordem, os primeiros a tentar flechar o fruto, são os Praiás. Caso não consigam, passam a vez para as lideranças ou para alguém escolhido pelo pajé. Essa festa é vista como a garantia de proteção para toda a safra, devido a crença de que ao encontrar uma árvore frutífera, um dos seus frutos deve ser acertado com uma flecha e com essa ação, transferem

um encanto para cuidar da árvore e evitar que os frutos sejam estragados pelos insetos. Essa prática se aplica ao fruto abundante em cada região; no Sertão, o umbu.

Após o flechamento, o grupo de Praiás se dirige ao Poró e em uma das suas laterais pega uma trança de cipó (*dioclea grandiflora*) e, com ela nas mãos, retorna ao Terreiro e dá algumas voltas, para realizar o encruzamento. Após esse feito, se dirigem ao Terreiro do Pedrão (um pouco mais abaixo do Terreiro central, da Laranjeira) e lá, com a presença e a torcida da comunidade realiza a Puxada do Cipó, que é semelhante a um cabo de guerra disputado entre dois grupos. É uma disputa de força, onde dançadores e Praiás se dividem em grupos que se posicionam em lados opostos, segurando na ponta do cipó e ao sinal de um cantador, puxam cada um para seu lado; vence o grupo que conseguir arrastar o outro por alguns metros: tal ritual é tido como prenúncio da safra dos alimentos. Se o grupo vencedor for do lado oeste, significa que terão uma boa safra e um ano de fartura, caso contrário, é sinal de escassez de chuvas e que precisam se preparar para enfrentar as suas consequências no ano em curso.

É uma festa de anúncio da safra e da abundância da chuva, mas é também celebração do vínculo com o seu tronco formador, renovação da aliança com as suas divindades e se configura na certeza de que a tradição é transmitida geracionalmente, garantindo que a identidade atual seja uma renovação ou ressignificação daquela criada em Pankararu e trazida ao Ouricuri por José Carapina, pelas Gonçalves e por tantos outros sábios que fizeram a viagem do Brejo dos Padres - PE para Pariconha.

Nos eventos que compõem as Corridas do Umbu, elementos como o Cansanção, a pintura corporal com o tauá e o campião aparecem como indispensáveis para o ritual, pois representam portais entre os Encantados e os humanos ou símbolos da aliança que funda e renova o encanto. A presença de pessoas sem a máscara de dança do Praiá, inclusive de uma mulher, são testemunhos de que a religião permeia os vários espaços e aspectos da vida cotidiana dos Jiripankó, conferindo-lhe traços de uma identidade singular.

O encerramento da festa se dá no final da tarde, com o pôr do sol e nessa ocasião as vestes dos Praiás em contraste com o brilho dourado do entardecer criam sob o ambiente um ar de mistério e magia que traduz a distância entre o mundo dos humanos e o mundo dos Encantados. Logo após, acontece a parte fechada do ritual, quando os especialistas da religião fazem o fechamento dos trabalhos em atividades interditas aos não-índios, assim como acontecera na etapa que antecedeu ao início da festa.

Flechada do Umbu



Fotografia: SOUZA, Tércio Santos de, 2021.



Fotografia: PEIXOTO, José Adelson Lopes, 2019.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; SOUZA, Tércio Santos de; MENDONÇA, Vinícius Alves de. Encantamento e representação: Flechamento do Umbu e Puxada do Cipó. Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campíó, Palmeira dos Índios, v. 1, n 1, p. 118-125. 2022.



Fotografia: PEIXOTO, José Adelson Lopes, 2019.



Fotografia: MENDONÇA, Vinícius Alves de. 2021.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; SOUZA, Tércio Santos de; MENDONÇA, Vinícius Alves de. Encantamento e representação: Flechamento do Uumbu e Puxada do Cipó. Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campiô, Palmeira dos Índios, v. 1, n 1, p. 118-125. 2022.

Puxada do Cipó



Fotografia: SOUZA, Tércio Santos de, 2021.



Fotografia: MENDONÇA, Vinícius Alves de, 2021.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; SOUZA, Tércio Santos de; MENDONÇA, Vinícius Alves de. Encantamento e representação: Flechamento do Umbu e Puxada do Cipó. Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campiô, Palmeira dos Índios, v. 1, n 1, p. 118-125. 2022.



Fotografia: PEIXOTO, José Adelson Lopes, 2021



Fotografia: MENDONÇA, Vinícius Alves de. 2021.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; SOUZA, Tércio Santos de; MENDONÇA, Vinícius Alves de. Encantamento e representação: Flechamento do Uumbu e Puxada do Cipó. Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campiô, Palmeira dos Índios, v. 1, n 1, p. 118-125. 2022.



Fotografia: PEIXOTO, José Adelson Lopes, 2019.